

MD
DOCUMENTO
TEORIA & DEBATE



64

nunca mais

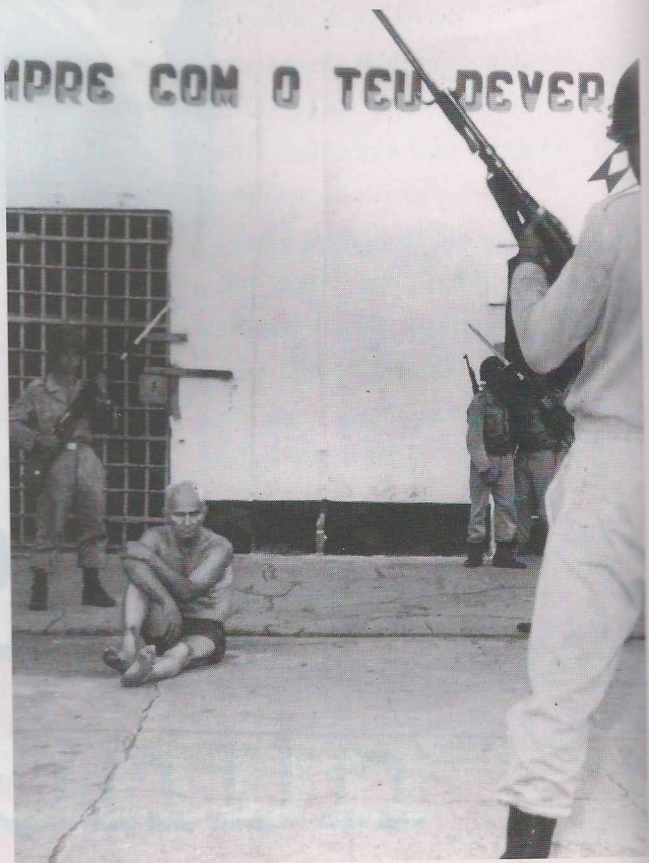


1

No dia 1º de abril de 1964, o povo brasileiro amanheceu sob a ameaça das baionetas (1-RJ). Instalava-se a ditadura militar que derrubou um projeto de reformas de cunho popular. Os socialistas, democratas e opositores em geral passaram a ser perseguidos. Gregório Bezerra (2), do PCB, depois de arrastado, preso a uma corda pelas ruas de Recife, é levado à prisão. Como todo Reich, a ditadura brasileira ameaçou, mas não alcançou os 1000 anos. Apesar de todos os estragos e desastres que promoveu, foi derrotada: pela incompetência do seu projeto (incapaz de promover desenvolvimento e justiça social) e pela luta do povo brasileiro, dos revolucionários, dos democratas, dos homens de bem.

Este ensaio trata dos últimos 30 anos da nossa história do ponto de vista da resistência. Ele é dedicado a todos que tombaram nesta luta, aos milhares de homens e mulheres anônimos que dela participaram e, por fim, aos nossos filhos e a todos que vieram depois, para que se orgulhem da história real deste país, de pertencer ao povo brasileiro e para que continuem a luta pela construção do socialismo.

APRE COM O TEU DEVER



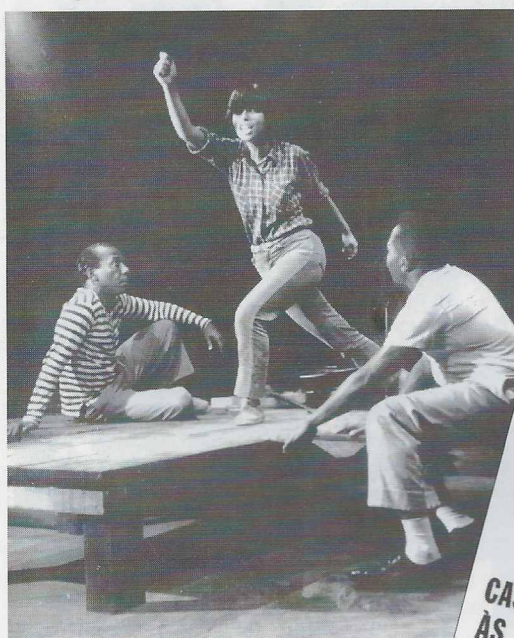


3



4

Os primeiros esboços de resistência surgem no dia seguinte ao golpe. Os cantores Nora Ney e Jorge Goulart (3) apoiados por Mário Lago e outros artistas, ocupam os microfones da Rádio Nacional (RJ) e lêem um manifesto contra os golpistas, sendo presos em seguida. O pintor Yoshia Takaoka (4) e outros artistas plásticos ocupam a cidade de Parati, posteriormente invadida pelos militares. Takaoka e seus companheiros são presos e torturados.



5

1965 é o ano do Ato Institucional nº 2 (6) de cretado pelo general Castello Branco, que hoje tentam recuperar como democrata. Zé Ketti, Nara Leão e João do Vale (5), no show Opinião (RJ) dizem não à "nova ordem", ao mesmo tempo em que dois mil portuários do Rio de Janeiro cruzavam os braços em fevereiro exigindo seu enquadramento salarial (7).



6



7

8



9



10



11

Em 1966, os estudantes já estão organizados e nas ruas. Rapidamente o movimento estudantil salta das palavras de ordem específicas (9 - SP) para questões mais gerais (10 e 11 - SP) em todo país. Rapidamente o confronto com a polícia se torna inevitável (8 - Belo Horizonte e 12 - Campinas).

12

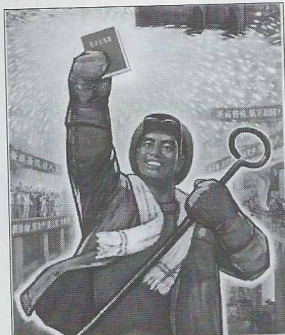
Ainda que dentro dos limites estreitos da legalidades possível, os operários protestam. Em 1967 (13 - SP) trabalhadores da Metalúrgica Paulista (Alto da Móoca) param as máquinas e saem em passeata contra o atraso salarial.

13

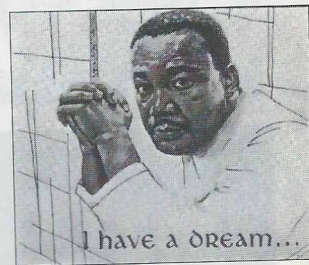
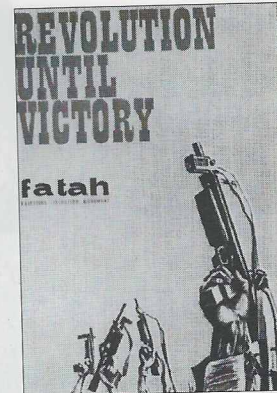
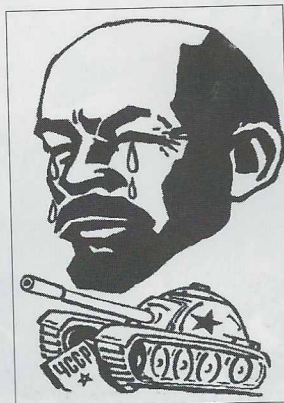


1967

GUERRILLERO HEROICO DECIMO ANIVERSARIO DEL TRIUNFO DE LA REBELION

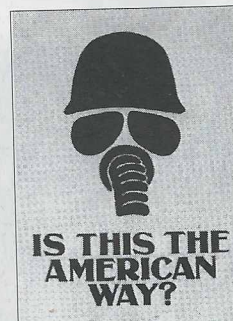
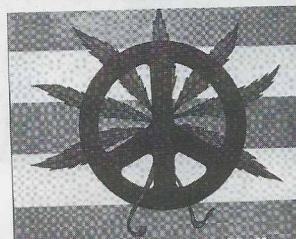
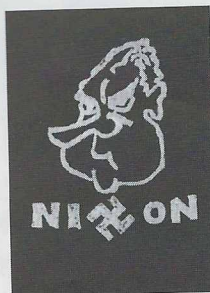


为伟大领袖毛主席争光
为伟大社会主义祖国争光



Nos anos 1967 - 1968, o mundo parece que vai explodir. Um ensaio geral de uma revolução: Guevara na Bolívia, Revolução Cultural na China, invasão de Praga e protestos, o maio francês, e a Guerra do Vietnam sendo travada no próprio interior dos EUA, sacudido ainda pelos movimentos negros, feministas, hippies, nações indígenas etc.

No Oriente Médio, os palestinos declaram guerra a todos os governos conservadores. Um novo mundo parecia possível. E iminente.

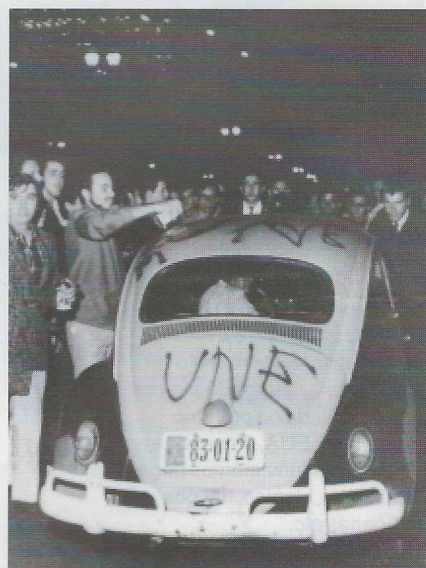




14



15



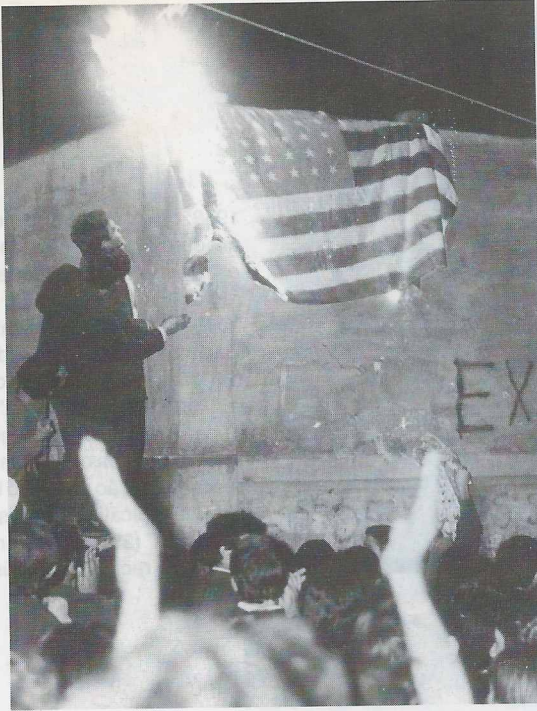
16



17

O assassinato do estudante Edson Luiz, no final de março de 1968, no Rio, detona uma radicalização de protestos. Estudantes, intelectuais e artistas organizados em torno de Hélio Pellegrino e Vladimir Palmeira (14) ocupam as ruas. Em São Paulo, Zé Dirceu lidera comícios relâmpagos (15) e grandes manifestações (16).

No teatro Ruth Escobar, Aristides Lobo, Helena Silveira, Ligia Fagundes, Rocha Barros e outros intelectuais, artistas e jornalistas (17 - SP) organizam um comitê contra a censura e a repressão e se juntam ao movimento estudantil.

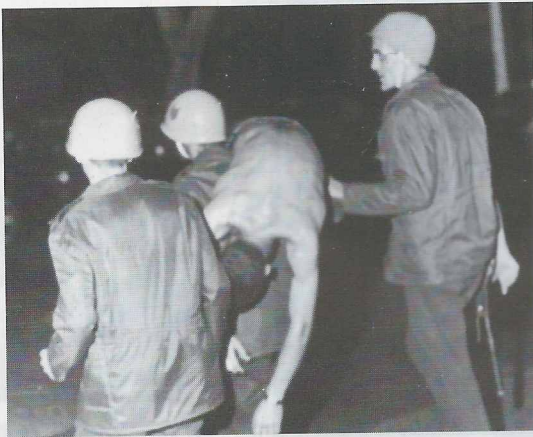


18



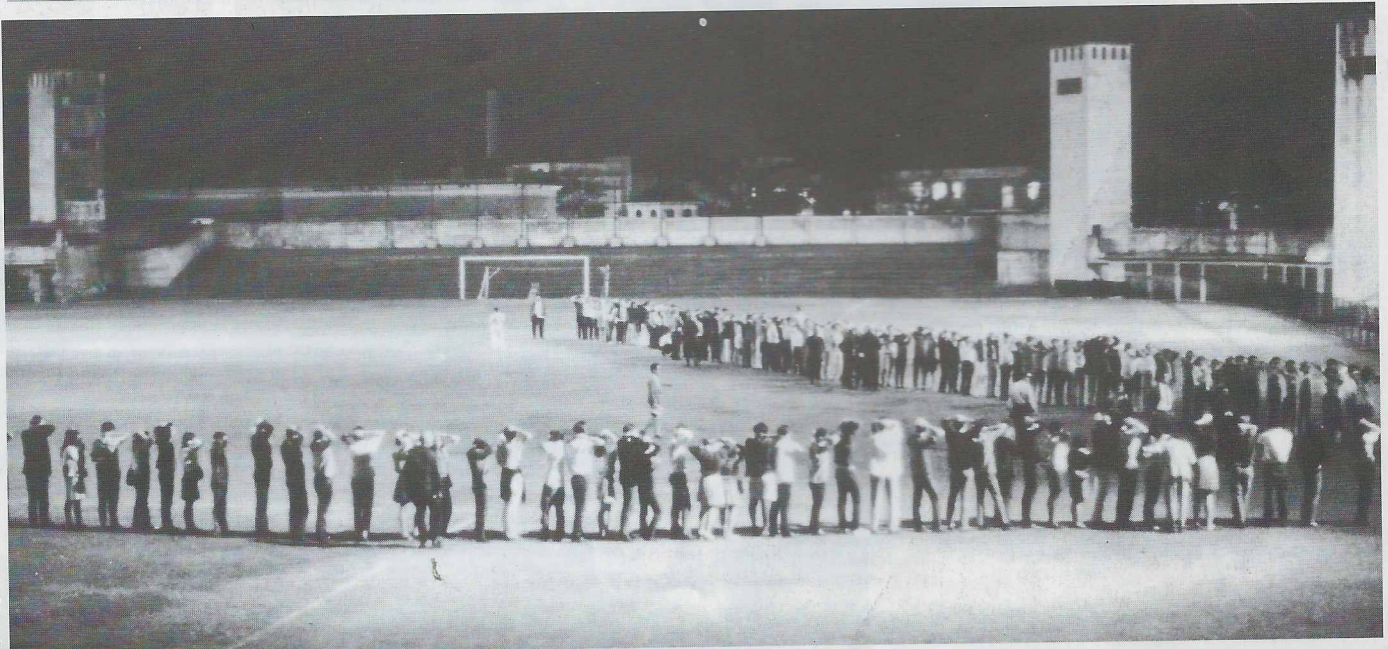
19

Em São Paulo, a queima da bandeira dos EUA (18) aliados dos golpistas e símbolo da opressão contra todos os povos do mundo, particularmente dos povos do Sudeste Asiático. No 1º de Maio de 1968 (19 - SP), estudantes e operários apedrejam o governador Abreu Sodré, seus acólitos e pelegos que ocupavam o palanque na Praça da Sé. Depois da fuga das autoridades, o palanque é destruído.



20

Em 20 de junho, policiais militares investem contra uma manifestação de estudantes e invadem a Universidade Federal do Rio de Janeiro à caça das lideranças. É a Sexta-feira Sangrenta. Dezenas de mortos e feridos. Centenas de presos no campo do Botafogo (20 e 21).



21



22



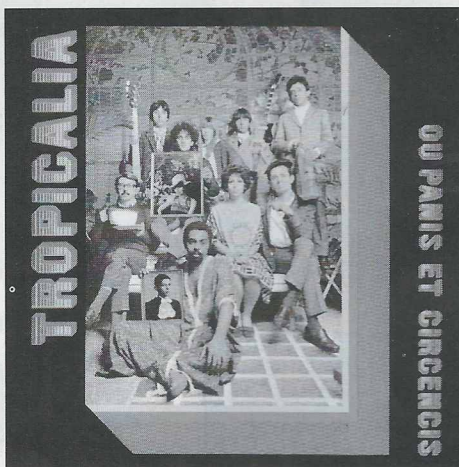
23

1968: o protesto e a contestação da ditadura e dos valores do *establishment* burguês se radicalizam.

“O Rei da Vela” (22 - Teatro Oficina, São Paulo), “Roda Viva” (23 - Teatro Galpão, Rio de Janeiro) e “Morte e Vida Severina” (24 - Tuca, São Paulo) são alguns dos mais brilhantes exemplos da reconceitualização do teatro brasileiro. O LP “Tropicália ou Panis at Circensis” (25) faz o inventário, deglute e recompõe a música.



24



25



27

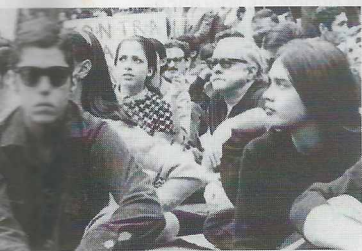


28

No Rio, no dia 26 de junho serão esses e outros artistas e intelectuais que convocarão e realizarão, junto com os estudantes, a passeata dos Cem Mil. Uma resposta à ditadura, contra a Sexta-feira Sangrenta (26, 27, 28, 29)



29





30



31

Em julho de 1968, os operários da Cobrasma, Osasco - SP, entram em greve e ocupam a fábrica. A repressão é acionada e no dia 17, invadem a empresa e prendem 400 trabalhadores (30). Os estudantes, artistas, jornalistas e intelectuais organizam o apoio a Osasco (31) e vão às ruas de São Paulo.

Em outubro, um grupo do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) ocupa o ponto mais alto do Mackenzie e tenta desalojar os estudantes que ocupavam a Faculdade de Filosofia da USP, do outro lado da rua. Há um enfrentamento. O CCC com armas de fogo (inclusive fuzis) e os ocupantes da filosofia, armados de pedras e estilingues. É a Guerra da Maria Antonia (32).

Saldo: o assassinato do secundarista José Guimarães e, no começo da noite, a Faculdade de Filosofia é invadida e fechada pela repressão.

Ainda em outubro, reúne-se clandestinamente o XXX Congresso da UNE em Ibiúna - SP. Descoberta, a reunião é cercada e os estudantes presos. Entre estes, as principais lideranças estudantis de todo o país, entre os quais Jorge Baptista (MG), Vladimir Palmeira (RJ), Zé Dirceu (SP) e o presidente da UNE, Luís Travassos (33).

32



33



BRASIL AME-O OU DEIXE-O

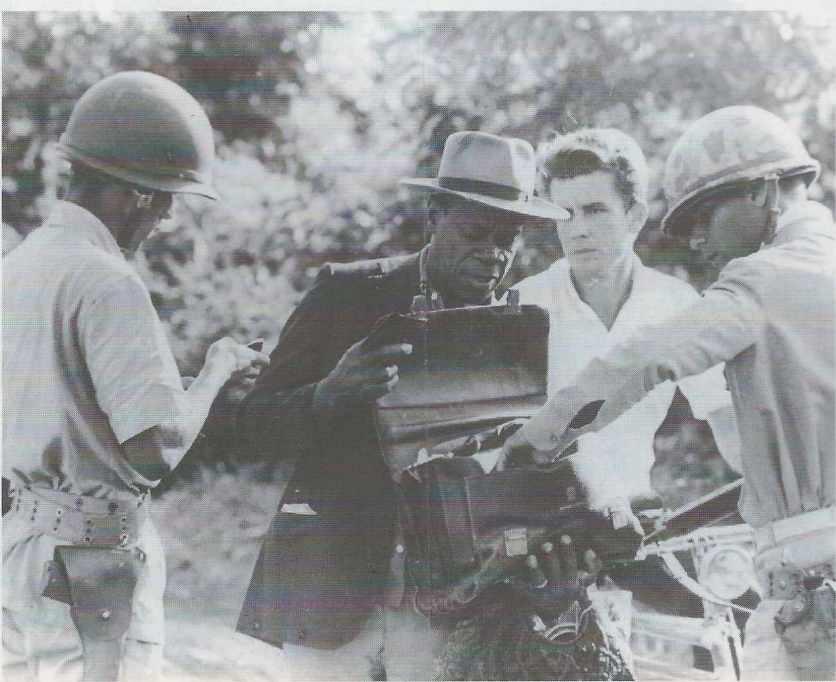


34



35

1968 chega ao fim, com a decretação do AI-5, assinado pelo general Costa e Silva e levado a público por seu ministro da Justiça Gama e Silva (34) no dia 13 de dezembro: um fechamento e um arbítrio ainda maiores dos ditadores. A jovem que participou amordaçada de uma manifestação em São Paulo em setembro de 1966 (35) é o retrato do que será o país a partir do AI-5. Batidas policiais e a intimidação passam a ser a rotina de todos os brasileiros (36 - RJ e 37 - Angra dos Reis).



36



37

**TERRORISTAS
PROCURADOS**



Carlos Lamarca



Lara Lavelberg

**AJUDE A PROTEGER
SUA VIDA E A DE
SEUS FAMILIARES**



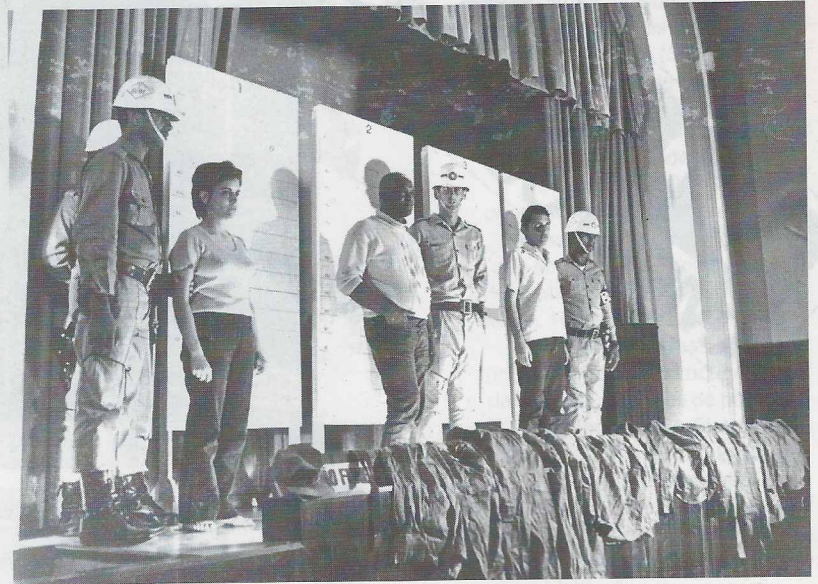
Carlos Lamarca



Carlos Lamarca

AVISE À POLÍCIA

38



39

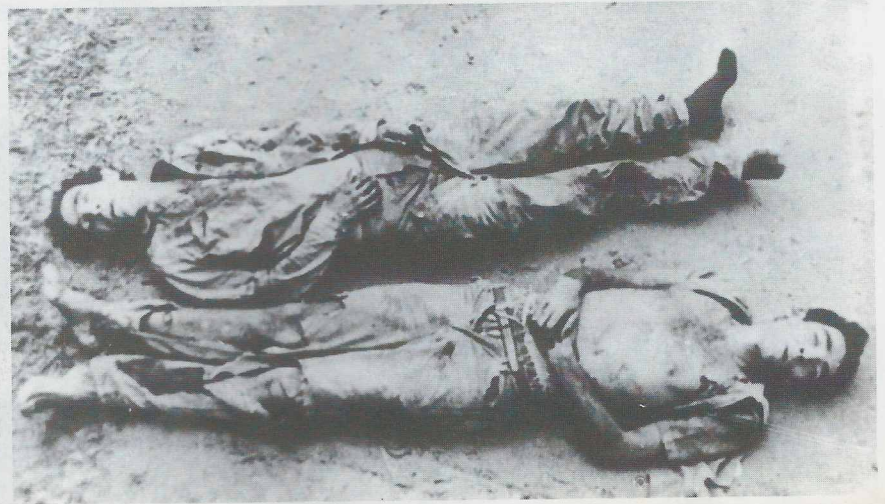
Com a destruição da últimas organizações de massa e com o AI-5, a esquerda fica isolada e grande número de militantes escolhe como saída a guerrilha. Cartazes convidam a população à delaçãoção (38 - ao alto, Carlos Lamarca e Lara Lavelberg). Centenas de militantes são presos, e em alguns casos são montados “espetáculos” de apresentação à imprensa (39 - Martinha, Edmur e Gustavo em 1970 - RS). Organizações de esquerda seqüestram diplomatas que trocam por presos políticos (40 - setenta presos trocados pelo embaixador suíço Enrico Bucher, em 1971). Intensificam-se os assassinatos iniciados desde 1964 (41 - Carlos Marighela em 1969 - SP e 42 - Carlos Lamarca e Zequinha Barreto em 1971 - BA).



40



41



42



43

Nas eleições de 1974, a primeira expressão em massa contra a ditadura militar. Em todo o país, o voto na oposição, surpreendendo o próprio MDB (43 - Comício do MDB em São Paulo, em 1974).

Ainda assim, prosseguem as torturas e assassinatos: em 25 de outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog (44 - Capa censurada do jornal *Movimento*, ilustrada por Elifas Andreatto) e no mesmo ano, o operário Manoel Fiel Filho são torturados até a morte nas dependências do DOI-CODI em São Paulo. Em dezembro de 1976 é invadida a casa onde se reuniram dirigentes do PC do B, na Lapa, em São Paulo. Pedro Pomar (45) e Angelo Arroyo (46) são assassinados no local e João Baptista Franco Drummond no DOI-CODI. Em outubro de 1979, o metalúrgico Santo Dias é assassinado num piquete de greve (47 - Enterro de Santo Dias em São Paulo).

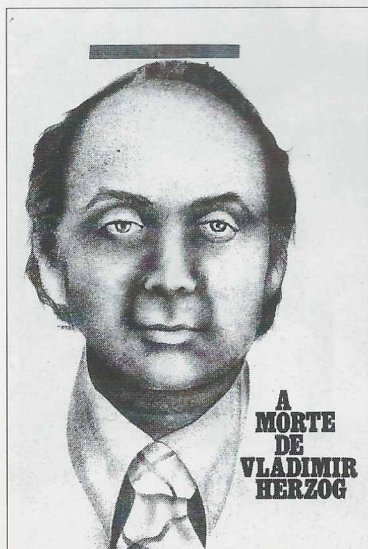
45



46



44



47





48

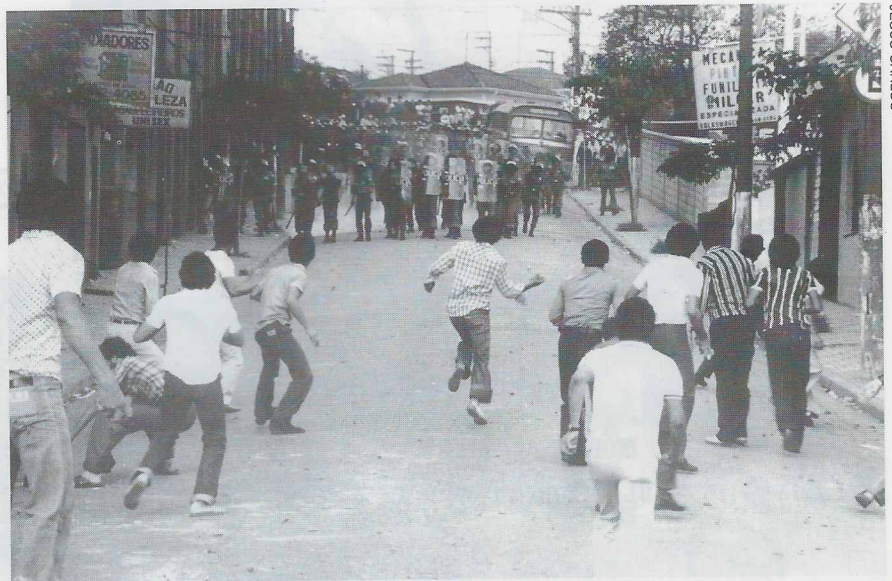
De 1975 a 1979, o movimento estudantil e várias entidades da sociedade civil se fortalecem em todo país e vão às ruas pelas liberdades democráticas (49 - São Paulo, 1977). O movimento contra o Custo de Vida, em 1978, lota a Praça da Sé de São Paulo e é reprimido com violência (49). Em

março de 1979, no ABCD paulista, iniciam-se as grandes greves operárias lideradas pelos metalúrgicos de Santo André, São Caetano e São Bernardo/Diadema. Os sindicatos são colocados sob intervenção e suas lideranças cassadas. Lula é afastado da direção do sindicato de São Bernardo (50). Os grevistas enfrentam a polícia (51).



49

50



JESUS CARLOS

51



O movimento pela Anistia, que dá seus primeiros passos em 1974, cresce e se afirma a partir de 1978 (52 - Rio de Janeiro, 1979). Em 1979, Paulo Roberto Jabour (53) é o último preso político a deixar a prisão no Rio. Os exilados começam a voltar e, entre eles, Gregório Bezerra (54 - Sindicato dos Aeroviários de São Paulo, em 29 de setembro de 1979). A questão dos assassinados pela repressão, especialmente os que tiveram seus cadáveres ocultados — os “desaparecidos” — permanece no entanto sem qualquer esclarecimento até hoje.

